

ORDEM DA LIBERDADE
MEMBRO HONORÁRIO

AUTORES

S.P.A. JAN/MAR 2022
REVISTA DIGITAL N. 6

SEM AUTORES NAO HÁ CULTURA



RITA
REDSHOES

PRÉMIO JOSÉ DA PONTE 2022



VITORINO
SALOMÉ

PRÉMIO PEDRO OSÓRIO 2022

ENTREVISTA | JOSÉ JORGE LETRIA

UNIR E MOBILIZAR POR UMA SPA MELHOR

REVISTA AUTORES

Director José Jorge Letria

Coordenação Editorial Paulo Sérgio dos Santos

Coordenação de Imagem Jaime Serôdio



+351 213 594 400
geral@spautores.pt

Av. Duque de Loulé 31
1069-153 Lisboa

www.spautores.pt



CONTEÚDOS



04 EDITORIAL

SPA ANTECIPA ELEIÇÕES

06 PLANO E ORÇAMENTO DA SPA PARA 2022

APROVAÇÃO SIGNIFICATIVA
COM 173 VOTOS A FAVOR

19 NUNO LOPES

RECEBE PRÉMIO
DE JORNALISMO CULTURAL

09

JOSÉ JORGE LETRIA

"PRETENDE-SE UMA EMPRESA DINÂMICA E JOVEM, NA VITALIDADE DOS SEUS 100 ANOS DE EXISTÊNCIA, E ESTAMOS EM CONDIÇÕES DE FAZER ISSO".

26 VITORINO SALOMÉ

VENCEDOR DO PRÉMIO PEDRO OSÓRIO FALA SOBRE O ESTADO DO MUNDO, INCLUINDO A SUA VISÃO DA GUERRA

JOSÉ JORGE LETRIA

SPA ANTECIPA ELEIÇÕES E PROCURA UMA NOVA VITALIDADE UNINDO OS AUTORES

A SPA irá iniciar um novo ciclo com a realização antecipada, em 4 de Maio próximo, das eleições para os corpos sociais, que irão representar, dando cumprimento às determinações estatutárias, uma renovação do elenco que tem a seu cargo gerir a vida da cooperativa e ordenar de forma rigorosa e solidária, as suas prioridades estratégicas. Vários factores estão na base desta decisão, com destaque para o facto de a Europa, ver a Ucrânia ser invadida e destruída pela Rússia, para a necessidade de se iniciar o processo de construção de uma nova sede, sem que isso represente a alienação de nenhum dos edifícios do património da cooperativa, para o reforço da solidariedade com os milhares de associados da SPA e ainda com a preparação das comemorações do centenário da instituição, em maio de 2025. Merecem igualmente destaque todos os compromissos que será urgente negociar com o novo governo.

A SPA antecipa eleições para ganhar tempo, energia e mais criatividade e não para perder a vitalidade e o empenho que sempre a devem caracterizar.

O processo eleitoral terá como referência estimulante o slogan “Unidos pelos Autores”, sendo mandatário desta candidatura o maestro Álvaro Cassuto, nome muito prestigiado da música internacional que está a divulgar a obra dos grandes sinfonistas portugueses.

Pretende a SPA com este processo de renovação, grata a todos os autores e aos trabalhadores da cooperativa, fazer com que esta instituição quase centenária continue a ser um factor sempre renovado de estímulo e constante defesa dos autores portugueses de todas as disciplinas.

O desejo central e inadiável deste processo eleitoral e da vida da cooperativa é unir os autores e dar-lhes as condições para criarem novas obras e para fazerem da cultura um factor de desenvolvimento social, económico e estrutural. Mais unidos tornamo-nos sempre mais fortes neste mundo incerto e ameaçador.

A Direcção e o Conselho de Administração,
Março de 2022

PAPEL DA CULTURA

NO NOVO CICLO POLÍTICO

A SPA formula votos no sentido de que o expressivo resultado eleitoral obtido pelo PS nas eleições legislativas de 30 de Janeiro, venha a

contribuir para a estabilização política e económica do país e também para a recuperação do seu sector artístico e cultural, gravemente flagelado pelo longo ciclo pandémico.

O resultado eleitoral do PS, que excedeu todas as expectativas, confirma, igualmente, sobretudo agora que há uma presença de deputados da extrema-direita no parlamento, que a solidez da democracia exige que a vida cultural do país seja forte e descentralizada, envolvendo novos públicos e as escolas.

Como sempre, a SPA, de acordo com o que é a sua prática habitual, continuará a defender os interesses de milhares de autores de todas as disciplinas e a representar a nível europeu os valores humanistas e solidários ligados à cultura e às artes. Espera a cooperativa dos autores portugueses que as directivas europeias que dizem respeito à cultura sejam transpostas no prazo e na forma adequados, para bem dos autores, dos artistas e de quem os representa.

Acredita a SPA, em fase de reorganização, que o novo governo irá ter, a nível da cultura, propostas e soluções que correspondam a uma estratégia mais dinâmica e mobilizadora que deverá ter um suporte activo na televisão de serviço público.

Sempre disponível para o diálogo e para a cooperação, a SPA deseja que a cultura e os direitos dos seus criadores sejam um dos suportes do novo ciclo político, por serem um elo fundamental de uma cidadania crítica e inovadora, mas sempre com humildade, criatividade e empenho solidário.

EM BRUXELAS GESAC PREPARA

PRÓXIMAS ELEIÇÕES DE MAIO DE 2022



A Direcção do Grupo Europeu de Sociedades de Autores e Compositores (GESAC), com sede em Bruxelas, cuja presidência a SPA já assumiu, reuniu no passado dia 19 de Janeiro, tendo discutido a situação da instituição após a saída de Jean-Noel Tronc, CEO da SACEM, de França, que decidiu abandonar funções e o mundo associativo do direito de autor.

Os dirigentes presentes analisaram a situação europeia do “streaming” e falaram na necessidade de se apoiarem mais activamente os autores nesta fase, tendo sido afirmado que a presidência francesa da União Europeia não irá organizar nenhum evento multinacional, designadamente por causa da preparação das eleições presidenciais que neste momento agitam a vida política francesa.

A Direcção do GESAC definiu regras e objectivos para o acto eleitoral a decorrer em Maio próximo, sendo a SPA uma das sociedades candidatas a integrar aquela estrutura de direcção.

Uma organização designada pela sigla DMA, que agrupa 21 membros de 17 países e organiza mais de 300 eventos, designadamente grandes festivais de música, solicitou uma reunião urgente ao GESAC, que aceita dialogar mas sem, assumir nenhuma posição sobre o mercado dos festivais e as suas obrigações a nível nacional.

A Direcção do GESAC falou ainda sobre o êxito da iniciativa “Rebuilding Europe with Culture” durante a pandemia.

SPA COMUNICA DIGITALMENTE COM OS AUTORES E COM O PÚBLICO

De acordo com números fornecidos pelo Facebook Business Suite, durante o ano de 2021 foram alcançadas 899.530 pessoas no

Facebook, ou seja mais 45,7 por cento que em 2020.

Entre 1 de Janeiro de 2021 e 31 de Dezembro do mesmo ano, entraram no “site” da SPA, entretanto graficamente renovado, 225 595 utilizadores, com uma média de 620 pessoas por dia. Em 2020 entraram no “site” da SPA 220 895 utilizadores, dados fornecidos pelo Google Analytics.

O “site” www.spautores.pt, que assegura também o acesso à revista digital da cooperativa é, de forma crescente e consolidada, o espaço privilegiado de comunicação da cooperativa com o universo autoral e com a opinião pública em geral.

SIGA-NOS EM:



PLANO E ORÇAMENTO DA SPA PARA 2022

APROVADO

PREVISÃO DE COBRANÇA 2022

52.523.982,70€

FUNÇÃO SOCIAL

2.350.017,21€

Reserva assistência social (Subsídio estatutário/ emergência/ etc.)

FUNDO CULTURAL

2.177.275,82€

Valores a atribuir a novos projectos

Em Assembleia Geral (AG) realizada por “zoom”, o Plano e Orçamento para o ano de 2022 foram aprovados com **173 votos** a favor, quatro abstenções e **um voto** contra. Vários assuntos foram debatidos e a comunidade de autores manifestou a sua satisfação com o acordo alcançado pela SPA com a Câmara do Porto em relação à reabilitação da Casa Rebordão Navarro, na Foz do Porto, após anos de infrutíferas tentativas de recuperação da residência do escritor. Já no dia 31 de Março, em nova AG, o Relatório e Contas da SPA referentes à gestão no ano de 2021, foram aprovados com **157 votos** a favor, seis abstenções e **um voto** contra. Esta AG, também realizada por "zoom", ficou ainda marcada pela manifestação de solidariedade ao povo da Ucrânia, ficando expressa a condenação veemente da invasão perpetrada pela Rússia de Vladimir Putin.

SOLIDÁRIA COM POVO UCRANIANO

A SPA DENUNCIA A VIOLÊNCIA RUSSA E PREPARA ACÇÕES DE APOIO

Revoltada com a grave situação militar e política vivida nestes dias pelo povo ucraniano, invadido pelas forças armadas russas, a SPA, que já as -

sumiu a presidência do Comité Europeu de Sociedades de Autores e Compositores da CISAC e foi presidente do Grupo Europeu de Sociedades de Autores, com sede em Bruxelas. Enviou à Direcção da UACRR, sociedade de compositores ucranianos, sediada em Kiev, uma mensagem em que denuncia as acções criminosas desencadeadas contra a Ucrânia e em que anuncia a sua plena disponibilidade para apoiar os autores ucranianos “nesta hora de desolação”. “Temos esperança de que a coragem e a liberdade continuem a iluminar o vosso povo e a garantir a sua heroica resistência” - afirma a mensagem, a concluir.

Por outro lado, a SPA, que integra a Direcção do Grupo Europeu de Sociedades de Autores, com sede em Bruxelas, esteve hoje em contacto com os seus parceiros europeus em busca de medidas que permitam penalizar a Rússia pelo ignóbil acto em curso e também mobilizar as estações de rádio, plataformas de ‘streaming’ e o público em geral, para a divulgação simbólica e solidária de temas da música da Ucrânia nesta hora de isolamento e grande sofrimento colectivo.

Entretanto, por decisão do Conselho de Administração, e tendo em conta o sofrimento de centenas de milhares de refugiados que buscam apoio na Europa, a SPA efectua um donativo material à Cruz Vermelha Portuguesa, tendo como destino a Ucrânia e o seu povo flagelado pelas tropas russas enviadas por Moscovo.



A SPA, consciente do peso e importância que tem, há cerca de duas décadas, a comunidade de origem ucraniana em Portugal, continuará sempre disponível, para quem, com o estatuto de refugiado, luta pela liberdade e pela salvação, sobretudo as crianças.

Nesta perspectiva, a SPA irá colocar a Casa Gião, em Reguengos, à disposição das entidades que, em Portugal, conduzem e dinamizam as acções de solidariedade com o povo ucraniano.

Num prazo muito curto, a SPA irá promover a realização em Lisboa de um concerto em que deverão participar músicos e outros agentes culturais que com a suas obras dirão à Ucrânia e aos ucranianos que não estão sós nesta Europa que se mobiliza para os apoiar e para denunciar a violência autocrática de uma Rússia nostálgica do seu perdido poder imperial.

Em Abril de 2017, o presidente da SPA presidiu em Moscovo à assembleia geral anual do Comité Europeu de Sociedades de Autores, em que teve, entre muitos outros, o apoio da sociedade ucraniana e testemunhou a atitude arrogante e provocatória da sociedade russa, que não queria participar nos trabalhos, contestando a legitimidade e autoridade da CISAC e depois participou, contrariada, numa reunião no Ministério da Cultura, sem nunca mudar de atitude em relação à CISAC e a dezenas de sociedades de autores. Todos tiveram oportunidade de testemunhar a violência e a arrogância da sociedade de autores russa.

COMUNIDADE INTERNACIONAL DE AUTORES

UNIDA NO APOIO À UCRÂNIA

São várias as organizações internacionais e sociedades de autores e artistas que têm manifestado tanto o repúdio pelas acções da

Rússia, como a sua consternação e preocupação com a situação na Ucrânia.

Os comunicados partilhados pelas várias instituições, para além de expressarem a sua solidariedade, indicam também algumas acções efectivas ou programadas de ajuda à população da Ucrânia, e em particular, aos criadores ucranianos, reiterando o apelo ao envolvimento de toda a comunidade criativa, seja através de manifestos, seja por meio de doações para as contas bancárias criadas para esse efeito.

Têm-se multiplicado as acções, não só de auxílio à comunidade artística e respectivas famílias, mas igualmen-

te de apoio aos países vizinhos que estão a acolher os refugiados e a trabalhar voluntária e incessantemente na prestação de cuidados inadiáveis de saúde, alimentação e protecção.

Desde doações monetárias, recolha de bens, cedência de espaços para acolhimento dos refugiados, financiamento de organizações humanitárias, concertos solidários, apelo à divulgação da cultura e das obras da Ucrânia (junto das rádios e das plataformas de streaming), petições, protestos, sanções e boicotes à presença russa em vários certames internacionais (por exemplo, na Feira do Livro de Frankfurt), são inúmeras as medidas e formas de apoio.

A SPA foi uma das primeiras sociedades de autores a emitir uma declaração de solidariedade e a anunciar as medidas de apoio.



AFASTAR-SE, DE LUÍSA COSTA GOMES

PRÉMIO LITERÁRIO CORRENTES D'ESCRITA

Afastar-se, de Luísa Costa Gomes, é o Prémio Literário Correntes d'Escritas, que pela primeira vez, na área da ficção, distingue um livro de contos. Editado em Maio de 2021, Afastar-se reúne treze contos com um tema comum a todos eles: a água. A autora explicou a sua opção por este tema: "Fui colecionando, ao longo de mais de cinco anos, contos, que de umamaneira ou de outra metem água.

Ela está sempre presente, doce, clorada, salgada, mais larga ou mais discreta, no oceano aberto onde se experimenta o abandono e a sobrevivência, no duche redentor que muda em narrativa irónica uma experiência de quase morte, na saliva que prepara a cinza, na piscina adorada que é meio de transmutação alquímica. Será esta coleção, talvez, em arco abrangente, uma reconciliação pela água: um livro termal, se quiserdes. "O júri do Prémio Literário Correntes d'Escritas, constituído por Ana Pereirinha, Carlos Quiroga, Carlos

Vaz Marques, Isabel Lucas e Isabel Pires de Lima, justificou a sua escolha sublinhando a "coerência na diversidade deste livro de contos, género em que a autora se tem destacado ao longo de 40 anos de vida literária, bem como a constante procura da forma adequada que Luísa Costa Gomes persegue em cada conto".



INQUÉRITO PRÁTICAS CULTURAIS DOS PORTUGUESES

UM RETRATO INÉDITO DA DIVERSIDADE DAS PRÁTICAS CULTURAIS EM PORTUGAL

O estudo, encomendado pela Fundação Gulbenkian ao Instituto de Ciências Sociais (ICS), fornece sobre as instituições culturais uma grelha de leituras sobre os seus públicos, atuais e futuros, e reúne informação socialmente relevante e estatisticamente representativa da população residente em Portugal, regiões autónomas incluídas, com 15 ou mais anos de idade.

No estudo há uma bateria de indicadores sobre as motivações e os obstáculos que mobilizam (ou não) os portugueses para o exercício de práticas culturais nucleares, indicadores que permitirão ajustar estratégias de captação e fidelização dos públicos da cultura. No prefácio pode ler-se: "os resultados traduzem a história recente do país, os seus pontos fortes e as suas fraquezas, as suas vantagens comparativas, mas também os seus desequilíbrios educativos, económicos e geográficos. Se este documento vem confirmar as fragilidades das práticas dos públicos da cultura em Portugal, constata-se que em alguns casos o país apresenta tendências semelhantes às verificadas noutros países europeus, reservando mesmo algumas boas surpresas (8% dos portugueses dedicam-se à prática da escrita!)".

A percentagem de inquiridos que utilizam a Internet (71%) fica aquém da média alcançada pelos países da UE-27 (87%, para inquiridos dos 16 aos 74 anos) (Eurostat 2021).



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

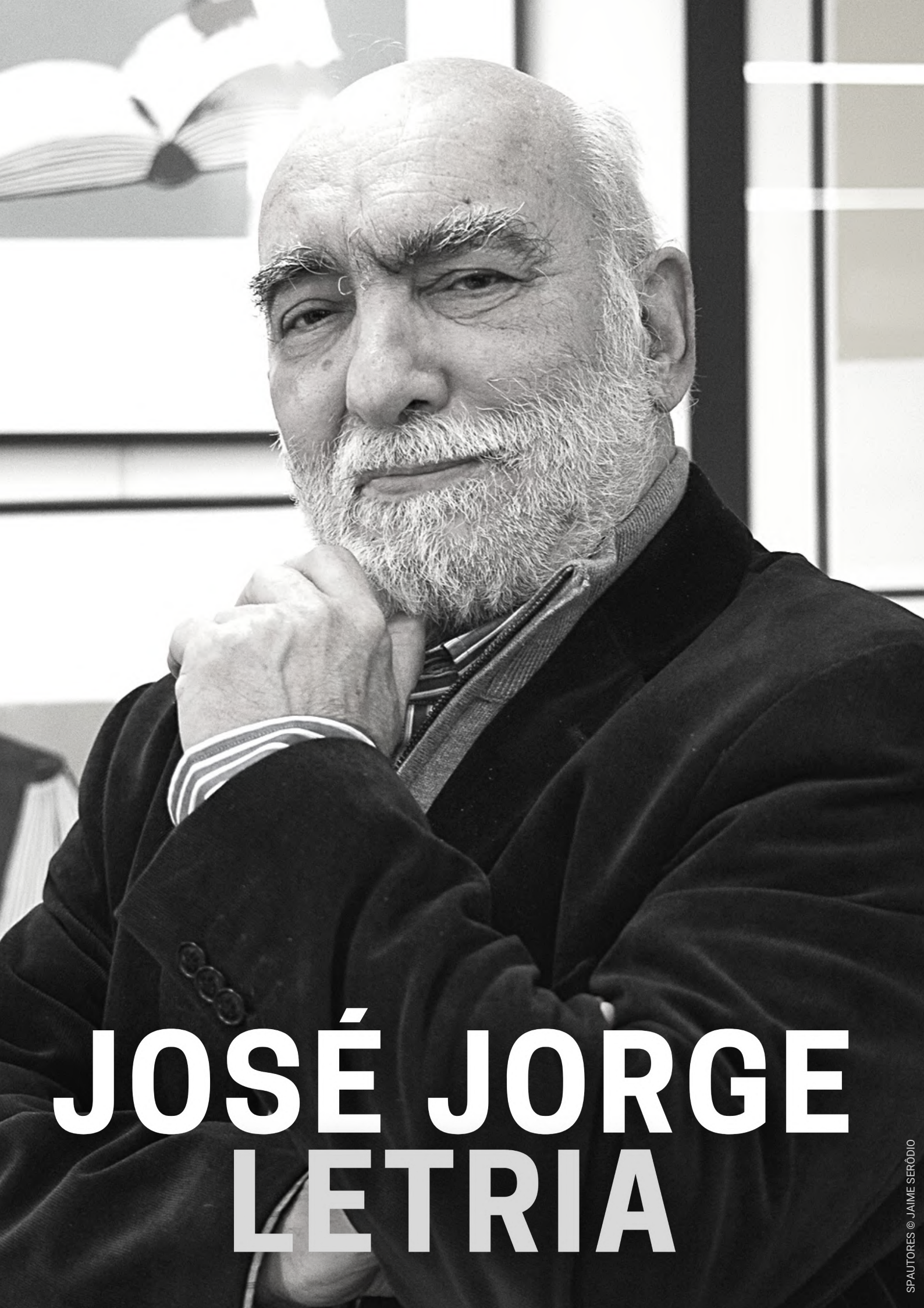
Razões de natureza demográfica, educacional e económica poderão explicar esta divergência. Com efeito, os inquiridos estão tanto mais desconectados da Internet quanto mais baixo é o seu nível de instrução e de rendimentos.

A proporção de inquiridos que veem diariamente televisão (90%) é mais do dobro dos que diariamente ouvem rádio (40%) ou se ligam à Internet (41%). Mais expostos à televisão encontram-se os idosos (65 ou + anos) e os inquiridos de rendimentos mais baixos, em claro contraste com os mais jovens (15 a 34 anos), os mais instruídos e os de mais elevados rendimentos.

A percentagem de inquiridos portugueses que, no último ano, não leram qualquer livro impresso (61%) é francamente superior à registada na vizinha Espanha, um ano atrás (38%). A leitura de livros digitais foi realizada por 10% dos inquiridos portugueses, contra 20% dos espanhóis. Na sua infância e adolescência, a maioria dos inquiridos não beneficiou de estímulos à leitura gerados em contexto familiar. Nunca os pais ou qualquer outro familiar os acompanharam a uma livraria (em 71% dos casos), a uma feira do livro (75%) ou a uma biblioteca (77%); nem tão-pouco lhes ofertaram um livro (47%) ou os deleitaram com a leitura de um livro de histórias (54%).

Pode consultar a brochura do estudo aqui:

<https://gulbenkian.pt/publication/inquerito-as-praticas-culturais-dos-portugueses/>



JOSÉ JORGE LETRIA

JOSÉ JORGE LETRIA

Presidente da Direção e do Conselho de Administração da Sociedade Portuguesa de Autores, comenta a situação atual da SPA e a realização de eleições antecipadas.

Como surgiu a decisão de realizar eleições antecipadas?

Eu e o Conselho de Administração, que é constituído por mais dois membros efetivos da Direção, tomámos a decisão de antecipar o acto eleitoral. As eleições deviam realizar-se até 19 de Novembro deste ano e, assim, antecipamos em pouco mais de seis meses.



As eleições deviam realizar-se até 19 de Novembro deste ano e, assim, antecipamos em pouco mais de seis meses.





SPAUTORES © JAIME SERÓDIO

E porquê fazer essa opção?

Em primeiro lugar porque ainda estamos a recuperar de dois anos duríssimos de pandemia, que afectaram profundamente a vida da empresa, as cobranças, as distribuições e o funcionamento orgânico da própria empresa. Por outro lado, por uma razão que também é óbvia, pois isto implicou um esforço de reorganização empresarial que está a decorrer e que se traduziu, por exemplo, no esvaziamento do edifício número dois e da passagem de pessoal do edifício número dois para o edifício número um. E agora, um esforço no sentido de viabilizarmos a funcionalidade do edifício dois, que eventualmente iremos arrendar a quem nos der as condições adequadas para o seu funcionamento. Nós queremos continuar a utilizar esse edifício para todas as funções que são essenciais. Uma é a utilização do auditório onde realizamos os actos sociais da cooperativa, nomeadamente assembleias gerais, exposições, etc., e também a utilização do sexto andar, onde fazemos mensalmente as reuniões das partes sociais - e utilizamos para apoio aos órgãos sociais da cooperativa. Estamos a fazer também o esforço que está em curso, no sentido de organizar as delegações, processo que está agora a ser estudado e iniciado com a complexidade que tem, de facto, de termos delegações desde o norte até às regiões autónomas. Estamos a fazer isso e estamos a recuperar muito daquilo que perdemos. Precisamos de recuperar mais. O crescimento financeiro permite à empresa encarar os desafios e as dificuldades.

Aliás, neste momento em que estamos a falar, decorreram dois

anos de pandemia, o que que teve uma implicação naquilo que é a vida dos autores.

Sim, porque muitos espetáculos deixaram de se realizar, ao nível de direito de autor houve muita cobrança que não pode ser feita, precisamente por esta paragem... Mas chamo a atenção que transferimos valores no sentido de aumentar a solidariedade.

Algum exemplo?

Cancelar a gala do CCB, que era feita com a RTP. E com esse valor imediatamente iniciámos a solidariedade para apoiar quem precisava de mais apoio. Essa solidariedade permitiu-nos também dinamizar todo o processo de activação e dinamização do fundo cultural, que nos permitiu nestes dois anos apoiar o trabalho criador de muitas dezenas de autores, que já voltaram a fazer o seu trabalho, com o suporte financeiro da sua cooperativa. E isso não é só do fundo cultural. É também o subsídio de emergência, para quem passa dificuldades inesperadas, desde a perda do rendimento, até a dificuldade de instalação ou residência própria. Nós mantivemos a solidariedade muito dinâmica em todo este processo.

Sendo inegável que a paragem a que a cultura se viu obrigada teve repercussões.

Nós tivemos, por um lado, de enfrentar um prejuízo brutal, causado pela pandemia, que desorganizou a empresa de um ponto de vista financeiro e estrutural. Em termos organizativos, tivemos que manter a empresa a funcionar com criatividade e empenho. Tudo isso está e vai continuar a ser feito. Por outro lado, temos desafios que são de grande porte e de grande peso para nós. Um deles é o início da preparação da



comemoração de vida da SPA, que nós desejamos que tenha uma vitalidade e uma visibilidade indiscutíveis. Estas comemorações vão consumir-se no dia 22 de maio de 2025, mas irão ser comemoradas antes. O esforço e empenho maiores apontam para Maio de 2025. Portanto, precisa de ser esta equipa, ou uma equipa renovada, que vai haver, para alcançar este desafio. Por outro lado, queremos também que neste ciclo cooperativo consigamos comemorar, tanto do ponto de vista simbólico, como por motivação empresarial e associativa, os 50 anos do 25 de Abril. O 25 de Abril, todos sabem, foi muito importante na história contemporânea de Portugal. Mas é muito importante na história da SPA, que é uma história que se confundiu sempre com o combate pela liberdade, portanto, nós queremos comemorar condignamente os 50 anos do 25 de Abril em 2024. E queremos comemorar condignamente os 100 anos de fundação da SPA, que foi criada, por algumas das maiores figuras da criatividade literária, musical e teatral em Portugal.

A situação de guerra também tem alguma influência direta?

Uma situação de guerra, que para todos nós era inesperada, e penso que para os Ucrrianos ainda mais, tem vindo a constituir também um desafio e um sobressalto muito grande para a vida da Sociedade Portuguesa dos Autores.



Ganhámos a batalha da solidariedade. Demos apoio a muita gente. Através do Fundo Cultural, conseguimos apoiar mais de uma centena de projectos...

Neste momento não sabemos como se vão a organizar as sociedades dos autores, tanto na sua relação com a Rússia, como com a sua relação com outras estruturas institucionais. Eu chamo a atenção, e acho importante lembrar isto, até porque isto também tem a ver com a Rússia. Eu fui durante 4 anos presidente do comité europeu das sociedades de autores da CISAC (Confederação Internacional de Sociedades de Autores e Compositores), fui durante 4 anos presidente deste Comité e fui depois presidente do Comité Sociedade de Autores, com sede em Bruxelas. Em 2017 presidi à Assembleia Geral Anual do Comité Europeu que ocorreu em Moscovo e enfrentamos ali uma situação duríssima que foi o facto da Sociedade Russa não querer dialogar com a CISAC, e, portanto, não querer acolher a própria Assembleia Geral das Sociedades de Autores. Eu presidi a este ato com

com a presença de outros membros da direção da CISAC, enfrentamos um ambiente de grande tensão e de grande insatisfação, e depois tivemos um reunião que só foi inesquecível porque foi tensa e foi desafiante para nós, porque se realizou no ministério da Cultura Da Rússia, com a Sociedade Russa numa atitude de tensão e de confronto connosco, que foi muito penalizador para nós. Portanto, a nossa passagem por Moscovo em 2017 foi um sinal da crispação que agora teve este final trágico, que é a existência de uma guerra com uma evasão brutal da Ucrânia. A Sociedade Ucraniana apoiou-nos na nossa candidatura à presidência, apoiou-nos também na presença em Moscovo, e é um facto que eu não esqueço, sobretudo agora, que se trata de manifestarmos à Ucrânia a nossa solidariedade e o nosso apoio. Os russos estão a ser discriminados pelo colectivo das Sociedade de Autores a nível Europeu e mundial, porque todos sabemos o que se significa, o que se está a passar na Ucrânia, que é o resultado de uma atitude arrogante, agressiva, e até provocatória da Sociedade Russa, que está com dificuldades tão grandes, que tem vindo a propor, por exemplo, que os pagamentos de direitos à Rússia sejam feitos através da Sociedade Georgiana. Esperamos e desejamos que a paz seja restabelecida e recuperada, para que a vida normal das Sociedades de Autores possa decorrer nas condições normais e adequadas. Isto é absolutamente essencial.

Ainda a propósito das eleições antecipadas, trata-se de encontrar uma nova dinâmica?

Eu entendo que ao fim de dois anos de pandemia, com os danos que isto nos causou em termos psicológicos, em termos empresariais, nós precisamos de uma nova dinâmica,

de um novo impulso, de uma nova criatividade, e de uma nova capacidade de reorganizar, de estimular, de movimentar a força da estrutura que nós somos. Temos mais de 160 trabalhadores e delegações espalhadas por todo o país, portanto chegou a altura de organizarmos este esforço de renascimento, de recuperação, que vai ser feito com o ato eleitoral, que de acordo com o que foi combinado pelo Conselho de Administração com o Presidente da mesa da Assembleia Geral, se irá realizar no dia 4 de Maio próximo.

Isto vai representar uma redução, de cerca de seis meses, no tempo normal de vida de um mandato da SPA.

Mas é um sacrifício de tempo que será vantajoso. Vamos contribuir para que a SPA renasça e se reorganize com mais vitalidade, mais empenho e mais combatividade, nesta nova fase, que é uma fase que envolve grandes e profundos desafios. Desafios estruturais. No tempo em que a Europa vive uma situação de guerra, em que ninguém sabe como irá evoluir e como se irá transformar, esperando nós que a Paz regresse, sem paz, dificilmente, a cultura sobrevive. E sem paz, dificilmente a estrutura das sociedades de autores conseguem organizar-se. Devo dizer que, todo este assunto foi analisado por mim e pelo conselho de administração com vários membros da direção e por isso reuni consenso quanto à necessidade e à conveniência de anteciparmos este ato, que vai decorrer dentro das normas estatutárias.

Formalmente, como se processará?

Eu irei anunciar a antecipação das eleições na reunião de direção e depois será o Presidente da mesa da Assembleia geral, que no exercício



da sua função, irá assumir esta responsabilidade e anunciar os atos que vamos praticar a seguir. Eu vou enviar um comunicado a explicar por que razão antecipamos e depois darei mais algumas informações.

E depois, as eleições no dia 4 de Maio.

Sim. Espero que com a melhor legitimidade e com o cumprimento mais rigoroso das normas estatutárias, nós tenhamos uma nova equipa, que vai ser caracterizada pela entrada de novos elementos. Posso dizer, por exemplo, que vamos ter, pela primeira vez, nos órgãos sociais, o Gonçalo M. Tavares, que é um nome consagrado da literatura portuguesa, traduzido em vários países do mundo. Vamos ter a Rita Redshoes, vamos ter o João Gil com o Renato Júnior na mesa da Assembleia Geral, que vai estar presidida pelo Pedro Abrunhosa e vamos ter a Olga Roriz, que entra para a Direção e representa a área da dança, também ao nível da coreografia. Esta equipa vai adequar-se aos novos desafios e à combatividade que este tempo exige. Mas no fundamental, a nova equipa vai assentar na equipa que já existia. O Conselho Fiscal vai ser presidido pelo Miguel Ângelo.

Serão muitos os próximos desafios.

Exatamente. Eu recordo que negocieei com o presidente da Câmara do Porto a recuperação integral da Casa Rebordão Navarro.

Neste momento está a ser enviado para a Câmara do Porto o contrato de direito de superfície, que permite à Câmara do Porto intervir, pagar e fazer a obra, escolher os arquitetos e vamos ficar com uma residência artística no Porto, tutelada pela Câmara do Porto e com a nossa intervenção e acompanhamento. A Casa Gião, em Reguengos, neste momento já com a colaboração garantida da autarquia, que, entretanto, mudou de maioria política, que agora pretendemos que seja um espaço de apoio a refugiados, sendo um espaço que tem quartos, e nós queremos que ele seja utilizado com qualidade, inclusive ao serviço dos autores. Não vamos alienar nenhum dos edifícios, incluindo os da cidade de Lisboa, tanto o edifício dois, como o edifício sede, continuam a ser propriedade da SPA. É aqui que surge um grande desafio que também determina a antecipação do ato eleitoral. Queremos que a SPA passe a ter uma nova sede. Precisamos que a SPA tenha uma nova sede, sem prejuízo dos dois equipamentos de grande qualidade que tem. Precisamos de um espaço que tenha condições de estacionamento, de acolhimento com sustentabilidade dos trabalhadores que ali funcionam e operam, sendo que a equipa foi reforçada com operacionais da área da informática, que exige uma grande resposta, pelo que pretendemos um espaço dinâmico, aberto, operacional e activo. Terá que ser em Lisboa. Surgiram propostas para que possa ser num concelho periférico, mas tem que



ser em Lisboa, com condições de estacionamento, operacionalidade orgânica, e de acordo com os novos desafios de modernidade que temos. São razões que justificam a antecipação das eleições a Comemoração dos 100 anos da SPA, dos 50 do 25 de Abril, a recuperação da empresa e a criação de uma nova sede. Temos que estar preparados para o que a modernidade vai exigir de nós enquanto empresa.

E o balanço deste mandato?

Ganhámos a batalha da solidariedade; demos apoio a muita gente; através do Fundo Cultural, conseguimos apoiar mais de uma centena de projectos; recuperamos as cobranças, pois voltámos a cobrar com regularidade; estamos com uma média mensal de entrada de 60 autores, de todas as áreas e disciplinas; fortalecemos muito o departamento jurídico e aproveito para mencionar que, do ponto de vista estritamente estatutário, apesar de ter sido minha vontade fazer deste mandato o último, mas, para não haver dúvidas a este respeito, temos um parecer jurídico do Professor Paulo Mota Pinto, catedrático da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, que confirma a legitimidade e autoridade para avançar com esta iniciativa. E avançamos porque, durante o exercício destas funções, percebemos que não houve pessoas que se afirmassem com disponibilidade, com dinâmica, com vontade, de assumir a responsabilidade para este desafio, o de tomar nas mãos o destino da casa dos autores portugueses. Pretende-se uma empresa dinâmica e jovem, na vitalidade dos seus 100 anos de existência, e estamos em condições de fazer isso.



Vamos contribuir para que a SPA renasça e se reorganize com mais vitalidade, mais empenho e mais combatividade, nesta nova fase, que é uma fase que envolve grandes e profundos desafios.



**SPA PREMEIA
AINDA SEM PÚBLICO**

**PRÉMIO
AUTORES
2021**

Realizou-se no dia 26 de Janeiro de 2022
a entrega dos
Prémios Autores 2021.

INFORMAÇÃO

Em baixo encontram-se todos os premiados que estiveram presentes na cerimónia. No caso dos que não puderam estar presentes, os troféus foram guardados e serão entregues posteriormente.

PRÉMIO
AUTORES
2021

VENCEDORES

2021

TELEVISÃO



"TERRA NOVA" RTP MELHOR PROGRAMA DE FICÇÃO

Autoria: **Artur Ribeiro** e **Nuno Duarte**
Realização: **Joaquim Leitão**

"JORNAL 2" RTP MELHOR PROGRAMA DE INFORMAÇÃO

Autoria: **Direcção de Informação**



RÁDIO



"RADICAIS LIVRES" ANTENA 1 MELHOR PROGRAMA DE RÁDIO

Autoria: **Rui Pêgo**, **Jaime Nogueira Pinto** e
Pedro Tadeu

DANÇA

"ONIRONAUTA" de Tânia Carvalho MELHOR COREOGRAFIA

Recebeu o prémio **Luís Guerra** em
representação de Tânia Carvalho.



LITERATURA



"GENTE ACENANDO PARA ALGUÉM QUE FOGE" de Paulo Faria MELHOR LIVRO DE FICÇÃO NARRATIVA

ARTES VISUAIS

"ECLIPSE" de António Júlio Duarte MELHOR TRABALHO DE FOTOGRAFIA



"NED KELLY" de Pedro Silva MELHOR TRABALHO CENOGRÁFICO



CINEMA

Lúcia Moniz em "LISTEN" MELHOR ACTRIZ



Recebeu o prémio **Carlos Alberto Moniz**
em representação de Lúcia Moniz.

PRÉMIO
AUTORES
2021

VENCEDORES

2021

TEATRO

"A PAIXÃO SEGUNDO JOÃO"
Encenação de Pedro Lacerda
MELHOR ESPECTÁCULO



Recebeu o prémio **Carlos Alves** em representação de Pedro Lacerda.

"NED KELLY" de Pedro Silva
MELHOR TRABALHO CENOGRÁFICO



Recebeu o prémio **Cátia Alves** em representação de Ana Moreira.

MÚSICA

"VIAS DE EXTINÇÃO" de Benjamim
MELHOR TRABALHO DE MÚSICA POPULAR



"TUDO NO AMOR" de Clã
MELHOR TEMA DE MÚSICA POPULAR



Autoria: **Hélder Gonçalves e Sérgio Godinho**

Recebeu o prémio **João Vaz Silva** em representação dos Clã.

2021
VEJA AQUI

TODAS AS FOTOS E VÍDEOS DA
ENTREGA DOS PRÉMIOS AUTORES 2021

www.spautores.pt





NUNO LOPES

PRÉMIO DE JORNALISMO CULTURAL 2022

SPA Premeia Nuno Lopes

SPA premeia Nuno Lopes, da agência Lusa
pela qualidade da sua informação na área da cultura.

A SPA, decidiu atribuir o prémio anual de mérito cultural no domínio da comunicação social ao jornalista Nuno Lopes, da Lusa, que há anos divulga de forma empenhada e competente a informação associada à actividade artística e cultural em vários sectores do país. A cooperativa dos autores portugueses salienta e reconhece o seu profissionalismo, o seu rigor e a sua isenção, designadamente num período incerto e exigente como aquele que estamos a viver, ainda em contexto pandémico.

Nuno Lopes conseguiu contribuir para que a agência noticiosa portuguesa nunca deixasse de acompanhar o trabalho dos músicos, companhias de teatros, dos criadores do audiovisual e dos autores num longo período de constrangimento imposto pelo longo ciclo pandémico e antes dele, valorizando adequadamente o trabalho da cooperativa dos autores portugueses nesse domínio e também a sua luta pela defesa dos direitos dos trabalhadores da cultura, em sentido lato. Este prémio já foi atribuído a **Luís Caetano, João Almeida, Nuno Pacheco, Teresa Nicolau** e **Alexandra Carita**.

O prémio foi entregue no dia 23 de Fevereiro de 2022, no Auditório Maestro Frederico de Freitas (SPA), numa cerimónia sem a presença de público.





RITA REDSHOES

PRÉMIO JOSÉ DA PONTE 2022

RITA REDSHOES

AUTORA E INTÉRPRETE RECEBE PRÉMIO JOSÉ DA PONTE

Vencedora do prémio José da Ponte com o disco **Lado Bom**, Rita Redshoes fala sobre as mulheres na música, a sua filha Rosa, que revelou ser uma "estrela" na pandemia e as evidentes alterações no meio musical.

Como comenta o prémio José da Ponte da SPA, neste caso, atribuído pelo disco **Lado Bom**?

Qualquer prémio sabe sempre bem, mas este é especial pelo reconhecimento do trabalho e do esforço, sobretudo nestes últimos dois anos, que foi bastante hercúleo e com muitos momentos de frustração, mas é uma sensação de apaziguamento com o “contra a maré”. É um prémio que muito me honra, por ter o nome de quem tem e por ser da Sociedade Portuguesa de Autores e serem colegas a decidir, pois para mim isso é muito importante. Sinto-me realizada e contente.



Sinto-me realizada e contente.

O que se pode destacar neste disco?

É um disco muito pessoal. Foi escrito muito em carne viva e acompanhou um processo. Só por esse motivo é que foi possível manter um disco dois anos à espera para sair. O disco gira muito em torno da maternidade e das mudanças que advêm do processo.





É quase um nascer de novo noutra pele e isso traz muitas coisas a nível pessoal e interno. O disco foi escrito tanto no pré-nascimento como no pós. Tudo isso muda muito em pouco tempo. Há muitas canções que eu escrevi com a Rosa na barriga e outras com a Rosa ao colo ou a tentar que ela adormecesse. É um disco que é uma espécie de diário dessa viagem interna, que eu fui fazendo, com tudo o que me foi assombrando e, ao mesmo tempo, também criando surpresa e espanto.

Houve uma alteração do ponto de vista criativo influenciada pela maternidade?

Acho que sim, porque é muito difícil separar a minha vida pessoal da profissional, do ponto de vista criativo.

No resultado final há Rita.

Sim, não consigo fazer muito a separação. E este episódio da minha vida mudou-me. Sobretudo sinto que me tornei mais pragmática em muitas coisas, no bom sentido. Não mais racional, necessariamente. Mas mais atenta e em contacto comigo própria, com aquilo que eu sinto e a forma como me vou expressar, acho que de uma forma mais clara e mais direta e mais confiante. E isso é uma grande diferença. E há também uma diferença de prioridades... O que é que é prioridade? A perspetiva muda. E também um lado muito interessante que é o lado do instinto, que se fala no instinto maternal, mas trazê-lo também para o lado criativo, de não filtrar tanto nem julgar tanto.

O Lado Bom é escrito em português.

Essa também é uma diferença grande, que já era uma vontade que eu tinha há muito tempo e que eu

ainda não tinha coragem, nem tempo suficiente para ter trabalhado a minha escrita e o meu canto na nossa língua. Fui fazendo algumas experiências, que me foram dando alguma confiança e que me foram permitindo conhecer este processo que se tornou natural. As letras das primeiras canções vinham em português. Portanto, limitei-me a deixar seguir o jogo e, de repente, tinha as canções todas em português.

Acabou por ser um processo natural.

Sim, mas que já vem de trás. Vem mastigado.

Enquanto autora, há um lado combativo?

Sim. Eu não consigo ficar indiferente a algumas coisas que considero importantes e justas, do meu ponto de vista. Sou combativa nas minhas relações e até como lido com as coisas profissionalmente. Acho que sou uma pessoa bastante honesta, no sentido em que respeito muito aquilo que sinto como o que é que é mais importante. Acho que tenho uma capacidade de empatia e de me pôr no lugar do outro e por isso há situações que mexem comigo, mesmo que não se passem comigo e das quais eu sinto necessidade de falar. E depois há outras, como o facto de ser mulher, e uma mulher na música, enfim. E disso preciso de falar, porque acho que são questões pertinentes. Portanto, em vez de termos um elefante na sala, às vezes ganho coragem e aponto o elefante, tento falar sobre isso, e faço-o de uma forma bastante orgânica. Não gosto de estar em luta, nem tenho personalidade de estar em confronto, mas quando as coisas me parecem necessárias, acho que o faço.



Falando das mulheres na música, desde 2008, início deste percurso a solo, até agora, o contexto mudou muito?

Muito, muito. Ouvindo rádio e os sucessos que têm saído e chegado a mais gente, são quase todos de mulheres. Isso é muito interessante. E isso era uma realidade completamente distante. Quando eu comecei e lancei o meu primeiro disco em 2008 havia mulheres intérpretes, elas já existiam, mas ainda não tinham vindo à tona. Essa mudança foi muito importante e muito boa e acho que ainda tem muito espaço para andar. Na altura senti-me um bocadinho sozinha. Não havia muitas mulheres compositoras e intérpretes, com uma carreira em nome próprio e hoje em dia é quase normal. Já não é aquela coisa de olharmos para uma agenda de um teatro e está lá um nome de uma mulher, ou não está sequer... Mas ainda há muito caminho para fazer.

E a diferença entre o que significava lançar um álbum em 2008 e o que significa agora...

Em termos de indústria e de comunicação da música com as pessoas e desse consumo é uma diferença brutal. Hoje em dia não se vendem discos. Há a perda de sentido de fazer um disco inteiro. Isso vai deixar de fazer sentido, saírem discos com 12 canções... Há mais esta coisa da canção, o que também existiu nos anos 70 e as-



Quando eu comecei e lancei o meu primeiro disco em 2008 havia mulheres intérpretes, elas já existiam, mas ainda não tinham vindo à tona.

sim. Agora há coisas que, de facto, são mais complexas para os artistas no retorno financeiro, para quem vive disto como profissão. As vendas de discos, as plataformas que pagam miseravelmente... Tudo isso dá uma liberdade e aproxima ao ouvinte, que tem acesso a muito mais música, mas, por outro lado, isso também torna tudo muito mais volátil e muito mais superficial. Há tanta coisa... Eu vejo por mim. Perco-me a tentar ouvir tudo o que tenho à disposição. Assim acaba por ser mais inglório na comunicação e na forma de chegar às pessoas.

É uma dificuldade

Sim. Eu sinto-a. Acho que também socialmente as coisas têm vindo a alterar-se e acho que o tipo de comunicação é diferente. A interação com o público e como se encara a música e a própria indústria. Basta ver a enorme diferença, pois eu vim de uma garagem dos anos 90. É uma realidade que agora há pouco, não é? Muita coisa mudou mesmo.

Hoje grava-se em casa.

E há uma maior autonomia, o que tem coisas maravilhosas. Isso à disposição de um criativo é óptimo. Temos que nos adaptar ou encontrar outras formas e mantermo-nos fiéis ao que somos.

Continuam a surgir reações aos concertos em tempo de confinamento, no jardim de casa?

Sim. Isso foi uma coisa muito engraçada, porque começou com uma ideia de pantufas, em casa. E, de repente, às vezes chego a um sítio ou recebo mensagens de pessoas – não só de Portugal – que acompanharam aquelas *lives*.

a energia para qualquer artista deixa de fazer sentido... Não temos trabalho. Alguma coisa tem que ser feita.



Hoje em dia não se vendem discos.

Houve um sentimento muito específico da primeira fase da pandemia.

A grande estrela da série era a Rosa. As pessoas não têm muita vergonha de me dizer isso, mas eu percebo... O que é que a Rosa vai fazer a seguir? É muito curioso. Acabámos por fazer companhia a muita gente durante um período um bocado incógnito. Claro que isso, com o passar do tempo, a energia para qualquer artista deixa de fazer sentido... Não temos trabalho. Alguma coisa tem que ser feita.

Mas, nos próximos tempos, e agora, a agenda de espectáculos está preenchida?

Estamos nessa batalha. Ainda não está normalizada e há muitas regras para seguir e acompanhar. Acho que há algum medo da parte do público, o que eu compreendo. Também há o processo, difícil, das datas que foram desmarcadas e que agora têm que ser remarcadas, que atrasam todo o processo para os programadores, porque é uma logística complexa.



A black and white portrait of Vitorino Salomé. He is wearing a dark flat cap and dark sunglasses. He has a mustache and is resting his chin on his hand, looking thoughtfully to the side. The background is plain white.

VITORINO SALOMÉ

PRÉMIO PEDRO OSÓRIO 2022

VITORINO SALOMÉ

Vencedor do prémio Pedro Osório com o disco Crónicas da Flor da Laranjeira, Vitorino fala sobre o estado do mundo, incluindo a sua visão da pandemia e da guerra na Europa, sem deixar de ter como referência a vida no campo e a ligação à natureza, que o caracterizam.

Q ue comentário ao prémio Pedro Osório da SPA, neste caso atribuído pelo Crónicas da Flor da Laranjeira?

Sinto-me honrado, porque estou muito bem acompanhado. Por exemplo, pelo meu irmão, Janita, que também já ganhou. A Sociedade Portuguesa de Autores tem essa vantagem, de apoiar, do ponto de vista até económico, mas também do ponto de vista da divulgação. A divulgação já não passa só pelos jornais e pela televisão, que, às vezes, era muito seletiva. Agora pode ser abalroada lateralmente pelas redes sociais, para o bem e para o mal, mas é bom. Por exemplo, nós hoje estamos aqui a fazer uma entrevista para as redes sociais, mas felizmente a revista da Sociedade Portuguesa de Autores é muito, muito lida, e tem muitos seguidores. Isso é ótimo, estamos num bom caminho.

E no fundo a atribuição do prémio também acaba por ser uma forma de divulgar o trabalho do autor e deste também poder novamente estar nas notícias e de ser divulgado nos diferentes meios de comunicação.

A intenção também será essa, divulgar-nos o mais possível, é maravilhoso.





Pois, é. Mas há o mérito, o ser reconhecido pelo seu trabalho, importando perceber a importância de se ser reconhecido neste momento, pois já houve alguns prémios no passado, outros.

Por acaso não sou muito premiado, mas não me faz muita diferença.

Dois prémios José Afonso.

Eu já não me lembrava. Dois?! Que bom!

Um prémio Sete.

Sete? Sim, sim

Este prémio Pedro Osório.

Sim, sim.

Consideramos um prémio a condecoração?

Sim, esse é um premio pela liberdade. A condecoração honra-me verdadeiramente, porque é de uma Ordem de condecorações que foi criada com o 25 de abril e é a Ordem da liberdade. Fiquei muito contente e muito honrado. Ainda nunca a usei ao peito, tenho-me esquecido dela.

Há bocadinho foi mencionado Janita Salomé, que não é o único, nem o Vitorino, de uma família de músicos. Na verdade, parece que não havia como escapar a este destino da música.

Ainda bem que não escapámos. Desta vez o fado cumpriu-se para o lado bom. Ficámos muito ligados à música, porque não podia ser doutra maneira. Normalmente somos aquilo que vivemos e os primeiros seis anos da nossa vida determinam o resto. O sítio onde vivemos, onde brincamos, isso para mim foi muito importante, porque eu tive uma infância muito feliz.

E a música estava sempre presente?

A música estava sempre presente, porque eu tinha instrumentos em casa. O meu pai era ourives e relojoeiro e na sobreloja tinha muitos, muitos instrumentos, um órgão, um piano de igreja, que foi onde eu comecei a debutar (o som do órgão de igreja é muito bonito). Depois tinha guitarras, bandolins, violinos, saxofones... Músicos que às vezes apareciam de férias, lá no Redondo, sabiam que ali havia sempre música e entravam e perguntavam: "estão aí os seu filhos?"



o primeiro álbum que eu gravei em '74, comecei em Paris e era para sair antes do 25 de abril, mas, entretanto, veio o 25 de abril, foi uma alegria.... Marimbei-me



E interagiam musicalmente?

Faziam *jam sessions* com malta que aparecia. Isso tudo determina a nossa vida, tanto a do meu irmão, como a minha.

Como evoluiu a vida de Redondo?

É muito diferente.

Em quê?

Tem já uma influência muito forte, para o bem e para o mal, das televisões. Agora está sempre atual em tudo. Eu lembro-me que, a partir dos anos 70, o pessoal do campo vestia de uma maneira muito característica. Tinha aquelas botas para o campo e tinham uma forma de vestir que fazia parte da sua cultura rural. A partir da introdução das telenovelas brasileiras, o sotaque não se perdeu, se bem que faziam mimética com o falar português do Brasil.

E se calhar importaram alguns nomes próprios, também.

Sim, sim. Isso para os batismos foram muitos nomes importados. Mas a partir dos anos 70, fins dos anos 60, início dos anos 70, o pessoal do campo começou a vestir-se doutra maneira. Depois chegou a um lado quase exagerado e depois muito barroco, que era andar de sapatas ou de... Como é que se chamam?

Chinelas?

De chinelas! De chinelas de plástico, camisola de alças muito colorida e calções maljeitosos. Era muito engraçado!

A propósito de mudanças, desde o primeiro álbum, em 1975, tanta coisa aconteceu na música.

Basta dizer que o primeiro álbum que eu gravei em '74, comecei em Paris e era para sair antes do 25 de abril, mas, entretanto, veio o 25 de abril,

foi uma alegria.... Marimbei-me no álbum e fui para a rua. É uma curiosidade que dá razão à pergunta. Nos discos que se gravaram entre '74 e '75 em Portugal, daquela música que acompanhou o movimento social à pele, em todos estão os mesmos músicos...

Os que iam para o Zeca, caíam para mim, para o Godinho, para todos. Comparados com estes quarenta e tal anos que passaram, agora temos disponíveis, para nos acompanhar, músicos de elite em todo o mundo. São bons em qualquer parte e isso é logo uma grande diferença. E a música também mudou muito, porque infelizmente, em Portugal, a determinada altura, houve uma influência muito forte anglo-saxónica. Mas isso tinha a ver até com uma atitude política de determinado poder, para atacar a música social que nós fazíamos e fazemos. A determinada altura a música portuguesa não chegava a 5% do que passava na rádio portuguesa. Teve que haver uma reação dos músicos, dos autores, dos intérpretes, de toda a sociedade portuguesa, e reagimos contra isso e ainda conseguimos uma lei que obrigasse, que era um bocado vergonhosa, que obrigasse a 25%...

De mínimo de música portuguesa...

De mínimo de divulgação da música portuguesa. Há poucos anos passou para 30% e mesmo assim houve uma série de diretores de rádios que reagiram muito mal, que diziam que as rádios iam falir, porque só iam passar música portuguesa.

O que faz a qualidade da música portuguesa?

É a diferença e a originalidade. É uma música latina fantástica. Em determinadas áreas da música chamada popular, ou pop, a nossa música é

muito melhor que a música dos nossos vizinhos castelhanos, bascos e catalães. O nosso nível é mais alto. Eu oiço bastante a música espanhola, porque estou interessado e, sobretudo, porque estou muito ligado às músicas de língua castelhana da América do Sul, sobretudo à Argentina e a Cuba (e Brasil).

Há cada vez mais uma realidade global, com utilização de streaming, que provavelmente não serve só a música?

Sim, suponho que até no cinema está mais que na música, a realidade dos audiovisuais é mais favorável para eles. As plataformas de divulgação de música não te prestam contas, não prestam contas a ninguém ou procuram não prestar. Estão sempre pressionadas, mas são supragovernamentais e depois são muito nacionalistas. A questão é que os Estados Unidos as protegem muito. A Europa tem muita dificuldade em criar leis que cobrem os nossos direitos. E as plataformas de venda de música online ainda não estão muito desenvolvidas, nem se comparam com o que a gente vendia quando o objeto ainda existia.

O CD, o vinil...

O último que aconteceu foi o CD. E estamos a retomar a nostalgia do vinil, mas é um produto para elites.



As plataformas de divulgação de música não te prestam contas, não prestam contas a ninguém...

É para minorias.

É para minorias, muito minorias.

O Brasil ainda pode chegar a um milhão, tranquilamente. Mas uma minoria em Portugal chega talvez a 500 pessoas, não é?

É para aí, sim. Um vinil, se vender 500, atinge toda a minoria... Lusitana.



Mesmo com a língua portuguesa espalhada por todo o mundo, não se faz sentir esse facto, globalmente, com a música portuguesa.

E a questão também pode ser da política recente. Portugal tinha uma ligação cultural muito forte com o Brasil, até aos anos 60/70. Depois com a ditadura militar... A partir de determinada altura, há uns anos, começou a ouvir-se nas Américas mais música cantada em espanhol do que em Inglês, isso é uma pequena vitória em relação à subserviência que temos em relação aos americanos e a nossa relação com o Brasil, a partir da ditadura no Brasil. Importamos muito mais Brasil do que exportamos Portugal para o Brasil. Com a Espanha acontece o contrário. Todas as nações de língua castelhana adoram Madrid e são irreverentes, gostam da cultura espanhola e os artistas espanhóis, os compositores espanhóis, a literatura espanhola.

Há pouco tempo, o principal tema de conversa nas ruas em Portugal era a pandemia. Agora, o principal tema nas notícias é a guerra.

A guerra, outra vez.

Outra vez. Dizia-se que no final da pandemia os homens iam ficar diferentes para melhor e que íamos voltar para uma vida melhor do que aquele que tínhamos antes da pandemia.

A pandemia já deu uma grande oportunidade aos grandes grupos financeiros do mundo, porque fartaram-se de vender vacinas, sobretudo o complexo farmacológico americano e inglês encheram-se de dinheiro e deixaram por vacinar humilhados e pobres do



Importamos muito mais Brasil do exportamos Portugal para o Brasil. Com Espanha acontece o contrário, todas as nações de língua castelhana adoram Madrid

mundo, que nos vão sempre devolvendo a doença. E eles vão fazendo mais vacinas. E agora, com esta guerra, não temos sentido crítico e ainda não reparamos que são os grandes grupos económicos que se vão safar à brava, inclusive os russos. Nós vamos sofrer horrores porque somos muito frágeis... Começam sempre por poupar na música, no teatro, na leitura e depois precisam dela, porque nós é que afagamos as almas.



com esta guerra não temos sentido crítico e ainda não reparamos que são os grandes grupos económicos que se vão safar à brava, inclusive os russos. Nós vamos sofrer horrores porque somos muito frágeis.... Começam sempre por poupar na música, no teatro, na leitura e depois precisam dela, porque nos é que afagamos as almas.



LAURO ANTÓNIO

1942 - 2022

A SPA manifesta o seu pesar pela morte, aos 79 anos, em Lisboa do realizador de cinema e crítico Lauro António, beneficiário da cooperativa desde 1975 e seu cooperador desde 1993.

Lauro António morreu na sua residência em Lisboa, vitimado por um ataque cardíaco. Estava a preparar um ciclo de cinema para a Casa das Imagens em Setúbal, criada com base na cedência do seu valioso espólio. Esse ciclo seria dedicado à comemoração dos 50 anos da criação do Cinema Apolo 70, de que foi programador e que registou muito êxitos durante várias décadas.

Foi realizador de filmes como “Manhã Submersa”, de 1980, “O vestido Cor de Fogo”, de 1983, e de “Florbela”, de 2012, entre outros. Foi, durante muitos anos, um destacado crítico de cinema do “Diário de Lisboa” e também professor. Licenciado pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, foi um dos intelectuais marcantes da vida cultural e artística portuguesa no final da década de sessenta e nas décadas seguintes, vivendo por cima do café “Vává”, onde se reuniam as figuras centrais da actividade cinematográfica portuguesa e de outras importantes áreas criativas.

A sua obra como realizador foi muito marcada pela sua ligação à literatura, designadamente a José Régio e a Vergílio Ferreira.

A sua figura foi muito popularizada com a criação da rubrica “Lauro Dêrmio Apresenta”, por Herman José, no programa “Herman Enciclopédia”.



SPAUTORES © JAIME SERÓDIO

A SPA manifesta o seu pesar pelo falecimento, aos 73 anos, do encenador, actor, realizador, tradutor escritor Jorge Silva Melo, associado da cooperativa desde Julho de 1977 e uma das pessoas mais influentes e marcantes da vida cultural portuguesa. Jorge Silva Melo nasceu em Lisboa em Agosto de 1948, passou a infância com a família em Silva Porto, Angola. Estudou no Liceu Camões e começou a escrever sobre cinema no suplemento “juvenil”, do Diário de Lisboa”. Aluno da Faculdade de Letras de Lisboa, fundou com Luís Miguel Cintra, o Grupo de Teatro de Letras, de que se desligou em 1969 para frequentar em Londres, com uma bolsa da Fundação Gulbenkian, a London Film School.



SPAUTORES © JAIME SERÓDIO

Lauro António admirou e louvou a criação de Herman José, de quem entretanto se tornou amigo e que o homenageou agora na hora da despedida.

A SPA endereça à viúva e ao filho de Lauro António as suas muito sentidas condolências, recordando a qualidade da sua obra e a sua ligação à cooperativa, de que foi um membro activo e de que recebeu a Medalha de Honra pela importância do seu trabalho criador durante décadas.

JORGE SILVA MELO

1948 - 2022

No regresso a Lisboa, fundou em 1972, com Luís Miguel Cintra, o Teatro da Cornucópia. Depois de deixar essa companhia de teatro, estagiou em Berlim com Peter Stein e em Milão com Giorgio Strehler.

Em 1995 fundou a Artistas Unidos, que continuou a dirigir até à data da morte.

Foi realizador de nove películas e professor da Escola Superior de Teatro e Cinema.

É autor de várias peças de teatro e de um libreto para uma ópera baseada no livro de Júlio Verne.

Traduziu obras de Goldoni, Prandello, Oscar Wilde, Bertold Brtecht, Georg Buchner, Pasolini, Heiner Muller e Harold Pinter, entre outros.

Foi agraciado em 2004 com a Ordem da Liberdade. Foi cronista do jornal “Público”.

Morreu no Hospital dos lusíadas, em Lisboa.

Destacou-se sempre pela grande criatividade, pela coragem cultural e pela disponibilidade para detectar e apoiar novos talentos.

O seu trabalho na liderança da Artistas Unidos confirma a importância excepcional do seu talento como homem de teatro e de cultura com quem a SPA manteve sempre um diálogo intenso estimulante, recordando a importância e originalidade da sua extensa obra.

À família de Jorge Silva Melo, autor brilhante, a SPA testemunha o seu pesar solidário, sabendo que a sua obra continuará a ser recordada e aplaudida.

A SPA manifesta o seu pesar pela morte do poeta, ensaísta, encenador e antologador Gastão Cruz, associado da cooperativa desde março de 1991 e autor de uma obra extensa e referencial. Nascido em Faro em Julho de 1941, Gastão Cruz, licenciado em Filologia Germânica pela Faculdade de Letras de Lisboa, foi professor do ensino secundário e do King's College, da Universidade de Londres.

Foi, com Fiamma Hasse Pais Brandão, mãe dos seus dois filhos, com Maria Teresa Horta, Casimiro de Brito e Luiza Neto Jorge, uma figura central da "Poesia 61" e da produção poética das décadas seguintes.

O seu livro "Poesia Portuguesa Hoje", de 1973, dá uma ideia da importância do seu trabalho como ensaísta.

Foi um dos fundadores do Grupo de Teatro Hoje (1976-1977), para o qual encenou várias peças, designadamente de Camus, Tchekov, e Strindberg. Foi também, com Luís Miguel Cintra e Jorge Silva Melo, entre outros, um dos fundadores de Grupo de Teatro de Letras em 1965.

Recebeu o Grande Prémio de Poesia CTT-Correios de Portugal e o prémio "Correntes d'Escrita" com "A Moeda do Tempo". O seu último livro foi "Existência", de 2018, Grande Prémio de Poesia da APE. Morreu no Hospital Egas Moniz, em Lisboa, onde se encontrava internado.

GASTÃO CRUZ

1941 - 2022

À família de Gastão Cruz, poeta, ensaísta e encenador, a SPA endereça as suas condolências solidárias, recordando uma obra que deixa marca profunda na poesia portuguesa contemporânea.

CÉSAR BATALHA

1945 - 2021

A SPA manifesta o seu pesar pela morte, aos 76 anos, em Lisboa, do maestro e compositor César Batalha, associado da cooperativa desde Novembro de 1969 e seu cooperador desde Junho de 1995.

César Batalha nasceu em Oeiras, em 1945, tendo desde cedo iniciado os estudos na área da música. Foi compositor, organista e maestro, tornando-se conhecido do grande público enquanto autor de obras de grande popularidade, cantadas por várias gerações, como "A todos um bom Natal" ou "Eu Vi um Sapo".

Fundou o Coro de Santo Amaro de Oeiras, em 1960, com apenas 15 anos e foi autor do hino da cidade, tendo o auditório municipal da autarquia recebido o seu nome.

Foi agraciado com vários prémios nacionais e internacionais ao longo da sua carreira, entre os quais a Medalha de Mérito Artístico da Câmara Municipal de Oeiras, em 1981.

Faleceu na sexta-feira passada, no Hospital Egas Moniz, em Lisboa.

A SPA endereça à família de César Batalha o seu solidário pesar.

ARMANDO GAMA

1954 - 2022

A SPA manifesta o seu pesar pela morte aos 67 anos, no IPO, em Lisboa, do cantor, compositor e pianista Armando Gama, beneficiário da cooperativa desde 1976 e seu cooperador desde Julho de 1993.

Nascido em Luanda em 1954, Armando Gama iniciou muito cedo a sua actividade musical. Vindo para Lisboa, continuou sempre a tocar e a compor, criando o duo "Sarabanda" com Chris Kopke e depois o grupo "Tantra", com o qual realizou muitos concertos.

Foi arranjador e produtor das "Doce", de Herman José e do Trio Odemira.

Em 1983 venceu o Festival RTP da Canção com o tema "Esta Balada que te Dou", que vendeu 80 mil exemplares e teve edição em 17 países. Voltaria a participar no Festival RTP da

Canção em 1992. Gravou álbuns como "Portugal Amor e Mar", em 1996 e "Tu tens Outra", em 1998.

Passou grande parte da sua vida artística, depois da consagração no Festival RTP, a fazer concertos e a tocar e a cantar em bares e noutros espaços, privilegiando sempre a música do "Beatles", de que era reconhecido fã.

Foi casado 26 anos com a locutora e cantora Valentina Torres, que divulgou a notícia do seu falecimento. Várias pessoas, caso de Herman José, que o conhecia muito bem como músico, manifestaram de imediato o seu pesar quando foi conhecida a notícia da sua perda.

Manteve uma prolongada actividade artística, sendo sempre reconhecido pelo seu estilo e bom gosto a tocar e a cantar.

PROGRAMA
AUTORES NA tv
EM 2021 FOI ASSIM



PROGRAMA **AUTORES NA tv**

Todas as Quintas-feiras à 01h45
Com apresentação de Carlos Mendes

TOY | LAURO ANTÓNIO | JOÃO PEDRO PAIS | RAUL MINH'ALMA | ABEL ROSA | MANUEL DE OLIVEIRA | PEDRO MESTRE | MARISA LIZ
TIAGO PAIS DIAS | PEDRO CALAPEZ | SELMA UAMUSSE | FERNANDO RIBEIRO | AIDA SOUSA DIAS | MANUEL MONTEIRO | FÁBIA REBORDÃO
JOSÉ GARDEAZABAL | HÉLDER COSTA | TIAGO TORRES DA SILVA | MÁRIO LÚCIO | AFONSO CRUZ | CÂNDIDO MOTA | RUI SIMÕES
JORGE CASTRO GUEDES | VITORINO SALOMÉ | RUI HORTA | PEDRO JÓIA | ISABEL MEDINA | PAULO SÉRGIO SANTOS | LUISA AMARO
MAFALDA VEIGA | RODRIGO LEÃO | JÚLIO RESENDE | ELVIRA FORTUNATO | SAMUEL ÚRIA | PAULO DE CARVALHO | VASCO GARGALO
JOÃO MAGUEIJO | ANTÓNIO VICTORINO D'ALMEIDA | MARCO OLIVEIRA | LUIZ CARACOL | AFONSO REIS | LÚCIA VICENTE | BRUNO GASPAR
DIOGO PIÇARRA | JOSÉ COSTA REIS | DINO D'SANTIAGO

Retransmissão aos Domingos na **TVI Internacional**, às 6h00,
e na **TVI Ficção**, às 23h.